

al-‘uluyà

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE LOULÉ

nº 13 2009



Ficha Técnica

Publicação Periódica

Propriedade: Câmara Municipal de Loulé

Editor: Arquivo Municipal de Loulé

Coordenação: Manuel Pedro Serra

Concepção Gráfica: Susana Leal

Colaboradores:

Ana Lima Revez, Cláudio Torres, Filomena Barros, Guilherme d'Oliveira Martins, Guiseppina Raggi, Isabel Luzia, João Silva e Sousa, José Carlos Vilhena Mesquita, Mário Varela Gomes, Nelson Vaquinhas, Nuno Osório

Capa: Tecto da Ermida de Nossa Senhora da Piedade – Loulé

Foto da Capa: Hélio Ramos

Paginação gráfica: Maria da Luz da Rocha Ferreira

Impressão e Encadernação: Gráfica Comercial - Loulé

Depósito Legal: 59729/92

ISBN: 0872-2323

Tiragem: 500 exemplares

Agosto 2009

Os artigos assinados são da responsabilidade dos respectivos autores.

Pede-se permuta - pede canje - On demand l'échange -
we ask exchange - man bittet um austausch



Câmara Municipal de Loulé

A Linguagem das Formas dos Dois Lados do Estreito

Cláudio Torres

A Linguagem das Formas dos Dois Lados do Estreito

Cáudio Torres – Director do Campo Arqueológico de Mértola

O extremo ocidental do al-Andalus, apertado entre umas serras ásperas e pequenas planícies costeiras contra um mar bonançoso de muito peixe e largo comércio, não pode ser dissociado das costas fronteiras africanas. Desde a pré-História, passando pela Tingitânia romana e visigótica, até ao califado cordovês, os dois Algarves sempre estiveram ligados entre si pelos fortes laços de uma mesma civilização. Dos dois lados do Estreito, de Sagres a Salé, ao longo das praias e portos deste vasto golfo abrigado da nortada, não só as formas de vida parece terem sido sempre as mesmas, como as formas mais antigas de falar e usar os dialectos berberes podem ter tido uma origem comum. Desses tempos anteriores à romanização, além do constante e nunca interrompido intercâmbio nas fainas da pesca, outras analogias parece ter havido no povoamento tradicional das zonas montanhosas do Sul peninsular e do Rif norte-africano. Entre outras facetas semelhantes da casa de habitação rural destacam-se, além de uma mesma repartição funcional, uma série de pormenores decorativos e de técnicas construtivas só aceitáveis no quadro de antiga e nunca interrompida simbiose cultural. São sugestivos também os paralelos tanto na morfologia decorativa ou prática funcional da cerâmica, como no entrançado e cadência geométrica da cestaria, da empreita e da tecelagem tradicionais.

Estas zonas serranas, desviadas das grandes rotas urbanas e portanto sempre mais conservadoras, conseguiram assegurar expressivos elementos de continuidade, resistindo à gradual aculturação veiculada primeiro pela romanização e consolidada depois pela islamização.

Toda o território algarvio tem um povoamento muito antigo e bem estruturado que se estende por todo

o território, desde comerciantes e artesãos fixados nas cidades do litoral, camponeses-hortelãos que amanhavam os pomares e jardins peri-urbanos, até fortes comunidades fixadas nos vales e vertentes do interior, nas pastagens que já tinham alimentado o gado dos seus antepassados. Embora nem todos os habitantes fossem muçulmanos, visto haver na zona uma antiga tradição moçárabe ligada a antigos centros de peregrinação como a Senhora da Rocha ou o mosteiro de S. Vicente, não há dúvida que, aquando da submissão aos cavaleiros da Ordem de Santiago, em meados do século XIII, todos falavam o árabe que nesses tempos era a língua franca de todos os negócios.

A Serra Algarvia, apesar de implantada entre as zonas mais romanizadas e muito perto de antigos e importantes centros urbanos do Mediterrâneo, não há dúvida que apresenta evidentes traços de arcaísmo nos espaços habitacionais, técnicas construtivas e hábitos culturais.

O Algarve litoral entretecido de apertadas vias terrestres e marítimas, forma um corpo autónomo com uma única ligação para norte: o rio Guadiana até Mértola. A este importante porto interior convergiam as calçadas de Beja, a via mineira de Aljustrel por Castro Verde e finalmente da margem esquerda uma outra ligação a Serpa e Aroche, passando pelas minas de S. Domingos. Enquanto nos portos e cidades da costa algarvia e na grande avenida fluvial do Guadiana circulavam exércitos, mercadores e produtos vindos de longas paragens, sobrepondo-se culturas nos complicados processos da romanização e depois, da islamização – nos agrestes barrancos da Serra persistem ilhotas de uma velha civilização agro-pastoril.

Submetendo-se ao ritmo dos ciclos anuais, pisando os trilhos poeirentos das longas canadas paralelas e certamente anteriores à Via da Prata, os pastores e os seus clãs familiares organizaram ao longo de milénios todo um vocabulário ornamental ligado à sua actividade. As incisões na madeira feitas à faca, desenhando complexos encadeados de losangos, estão talvez entre as mais antigas técnicas decorativas, cuja origem se perde no mesmo longínquo passado de onde vieram a roca e o cossoiro que decoram. O mesmo sistema decorativo vai aplicar-se na tecelagem, com natural adaptação ao novo suporte, difundindo-se nas áreas tocadas pela veiculação transumante dos rebanhos, como é o caso da Beira Baixa, Serra de S. Mamede, Mértola-Castro Verde. As colchas de «carapulo» (repuxado), mantêm nestas zonas um certo ar de família, assim como alguns dos motivos principais das mantas de “riscas” e das “graves”.

Além destes pontos de contacto encontramos inesperadas ligações com os princípios decorativos que regem algumas sociedades de camponeses e pastores berberes do Norte de África, tanto na sua decoração arquitectónica, como sobretudo nos seus trabalhos de tecelagem, madeira e barro.

Sente-se o mesmo ritmo decorativo nos entrançados da lã e nos traços de pincel que decoram a cerâmica, onde a «espiga com silva» e o losango balbuciam a mesma linguagem. Linguagem cujo vocabulário se perde no passado, tanto quanto a própria actividade que lhe deu forma. São os mesmos motivos, a mesma estrutura organizada em registos que envolvem o bojo de grandes talhas vidradas para armazenar alimentos.

Quanto às mantas tradicionais da Serra Algarvia, podemos considerar a existência de dois sistemas decorativos, eles próprios ligados a duas espécies com funções diferentes. A manta de riscas naturalmente mais antiga, e popular, utilizada como abrigo de viagem e objecto de trabalho; e a manta grave, principalmente na sua variante mais conhecida por “montanhac”, com funções mais decorativas e maior valorização social que lhe confere honras de altar nas belas iluminuras de Afonso X de meados do século XIII.

Tanto um género como outro entroncam em tradições semelhantes das serras norte-africanas, fazendo certamente parte de um mesmo e coerente conjunto morfológico. Contemporânea, temos uma outra linguagem decorativa que se filia nas mais longínquas volutas, curvas e contra-curvas, gregas e espirais, gavinhas e eras, difundidas em todo o Mediterrâneo alexandrino e depois romano que, num processo imparável de geometrização, cobriu o tardo-romano de círculos tangentes, secantes ou inscritos, num emaranhado de resteas vegetalistas que tiveram o seu último momento no zoo e fito-morfismo da arte cordovesa dos séculos IX e X. Neste sábio e racional entrelaçar da decoração palatina de Medina Azara, vemos ainda a grande escola dos centros urbanos orientais do Mediterrâneo.

Podemos concluir na existência de uma provável ligação entre uma certa geometria decorativa com a sua técnica específica e os caminhos e áreas da pastorícia, que se destacam por uma extraordinária e teimosa manutenção de formas.

Pensamos haver um fundo comum às duas margens do Estreito, que beneficiou de uma activação máxima no século XII com a entrada de tropas berberes sob os pendões almorávidas e almóadas. Porém não é de considerar muito significativas estas novas influências, visto ter sido certamente insignificante a fixação de soldados em zonas inóspitas e já muito povoadas da serra. A sua colocação em pontos estratégicos e o desejo normal de sedentarização urbana eram bem melhor atractivo. Aliás, é durante os últimos dois séculos de civilização islâmica no sul de Portugal que se faz sentir uma forte influência das técnicas construtivas militares. De época almóada datam importantes amuralhamentos urbanos em taipa militar como Alcácer do Sal, Silves e Paderne e alguns elementos estratégicos inovadores como as portas em engra ou cotovelo.